

AS CRENÇAS RELACIONADAS A AMEAÇA COMO UM FATOR DE VULNERABILIDADE COGNITIVA: UM ENFOQUE NO TRANSTORNO DE ANSIEDADE GENERALIZADA¹

Beatriz Ribeiro de Paula²

Tatiana Madalena da Silveira³

RESUMO:

As crenças relacionadas à percepção de ameaça se configuram como um fator de vulnerabilidade cognitiva que quando presentes ampliam as chances de desenvolvimento de transtornos de ansiedade, incluindo o transtorno de ansiedade generalizada (TAG). Tais esquemas ou crenças são representações duradouras de ameaças que se manifestam de forma excessiva, com perspectivas preconcebidas e mal adaptativas. Assim com o intuito de investigar a ocorrência de um dos fatores de vulnerabilidade cognitiva presente nos sujeitos com transtornos de ansiedade generalizada, realizou-se uma revisão narrativa da literatura disponível em seis bases de dados: Pubmed, Scielo, Pepsic, Periódicos Capes, Psycnet e Lilacs. Foram incluídos estudos nos quais os resumos estavam disponíveis nas bases de dados, que o acesso fosse possível e pesquisas que tinham como temática a discussão a respeito das crenças relacionadas à ameaça no transtorno de ansiedade generalizada, relacionando os sintomas ansiosos com essa cognição. Foram excluídos artigos que não abordavam a temática do estudo, e que não respondiam o problema de pesquisa. Com as buscas, 7 artigos compuseram a revisão, e esses resultados dão margem às hipóteses de que as crenças relacionadas à ameaça são fatores de vulnerabilidade que em interação com outros fatores são causas contribuintes para a instalação de um transtorno de ansiedade generalizada.

Palavras-chave: vulnerabilidade Cognitiva; crenças de Ameaça; transtorno de ansiedade generalizada.

THREAT-RELATED BELIEFS AS A FACTOR OF COGNITIVE VULNERABILITY: A FOCUS ON GENERALIZED ANXIETY DISORDER

ABSTRACT:

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa Práticas clínicas. Recebido em 22/05/2022 e aprovado, após reformulações, em 22/06/2022.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: biarbp@hotmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: tatianamadalena@uniacademia.edu.br

Beliefs related to threats are configured as a factor of cognitive vulnerability that, when present, increase the probability of developing anxiety disorders, including generalized anxiety disorder (GAD). Such schemas or beliefs are enduring representations of threats that manifest themselves excessively, with preconceived and maladaptive perspectives. Thus, with the aim of investigating the occurrence of one of the cognitive vulnerability factors present in subjects with generalized anxiety disorders, a narrative review of the literature available in six databases was carried out: Pubmed, Scielo, Pepsic, Capes Periodicals, Psycnet and lilacs Studies. Abstracts available in the databases and where access was possible were included, as well as research whose theme was the discussion of beliefs related to threat in generalized anxiety disorder, relating anxious symptoms to this cognition. Articles that did not address the study theme and that did not respond to the research problem were excluded. With the searches 7 articles composed the review, and these results raise the hypothesis that beliefs related to the threat are vulnerability factors that in interaction with other factors are contributing causes for the installation of a generalized anxiety disorder.

Keywords: cognitive vulnerability; threat beliefs; generalized anxiety disorder.

1 INTRODUÇÃO

Provavelmente você, leitor, em algum momento de sua vida experimentou as sensações advindas da ansiedade, isso porque ela é uma reação que em certo nível é normal e esperada diante de algumas situações do cotidiano (BARLOW; DURAND, 2015). É caracterizada por um estado de humor incômodo, com sintomas fisiológicos e psicológicos, acompanhado de uma inquietação interna e apreensão negativa que tem como foco as situações futuras. (DALGALARRONDO, 2019).

Uma manifestação anormal da ansiedade é o quadro de transtorno de ansiedade generalizada onde o indivíduo apresenta sintomas ansiosos de modo descomedido na maior parte dos dias, ao longo de diversos meses. Com a presença de sintomas como angústia, preocupação, tensão, nervosismo permanente e irritação (DALGALARRONDO, 2019).

Os quadros ansiosos são multifacetados, que envolvem todos os pontos de funcionamento humano. Desde um panorama biológico importante, em que estruturas neuronais corticais e subcorticais particulares cumprem um papel importante na experiência emocional. Concomitante a isso temos a interação do organismo com o ambiente como um aspecto comum na aquisição da ansiedade. No entanto, o intermédio da cognição por meio de expectativas, crenças, interpretações e recordações exerce um papel crucial tanto no desenvolvimento quanto na

manutenção da ansiedade, seja ela normal ou anormal. E na essência da ansiedade desadaptativa está a interpretação da ameaça de modo errôneo ou exagerado de um cenário antecipado que é tido como relevante aos recursos vitais do sujeito (CLARK; BECK, 2012).

Assim, a partir da visão cognitiva, os indivíduos com transtornos de ansiedade exibem avaliações exageradas e tendenciosa sobre perigos e ameaças, seja eles internos ou externos, associadas a uma percepção de si como incapaz ou insuficiente em lidar e se assegurar diante dessa situação tida como ameaçadora aos interesses vitais do indivíduo. Essa visão é pautada na teoria cognitiva, um modelo que estabelece que a maneira que o indivíduo pensa, bem como o conteúdo do pensamento, influencia na forma com que ele se sente e se comporta (BECK, 2013; CLARK; BECK, 2012).

E essa é uma condição que afeta milhares de pessoas ao longo do globo terrestre, é grande o número de pessoas que lutam diariamente contra a ansiedade clínica e seus sintomas, acarretando um custo muito alto, seja ele econômico e social. Os gastos com tratamentos em saúde são significativos para todos os países, principalmente em países que enfrentam altas ocorrências de conturbações sociais e políticas, bem como desastres naturais. (CLARK; BECK, 2012). Logo compreender os aspectos da sua etiologia é uma ação muito importante para pensarmos em meios de prevenção, mas também em tratamentos cada vez mais eficazes para o sofrimento trazido por esse transtorno.

Dentro da comunidade científica já é um consenso que os transtornos mentais têm causas multifatoriais, porém a força dessas influências e os fatores podem variar de um transtorno para o outro. No que tange aos transtornos ansiosos é possível notar uma relação de influência de características biológicas e psicológicas, fatores ambientais e/ou eventos precipitantes, bem como também notamos um padrão de erro na forma de perceber as situações, algo antecedente à instalação do transtorno propriamente dito. Logo partimos da hipótese de que esse modo disfuncional de interpretar as situações, em interação com os outros fatores de vulnerabilidade, aumenta o estado de ansiedade do sujeito, elevando a chances de ele vir a desenvolver um quadro de ansiedade. (BECK; CLARK, 2012)

Alguns fatores predisponentes do transtorno de ansiedade, como genética, características de personalidade e de temperamento, são aspectos mais intrínseco ao

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

sujeito e por essa razão podem se apresentar mais rígidos diante da mudança, porém a percepção errônea do indivíduo diante de situações possivelmente ameaçadoras podem vir a ser mais moldáveis e passíveis de mudança, assim ter tais fatores de vulnerabilidade bem delimitados e difundido entre a comunidade científica e os profissionais de saúde mental, auxiliariam na identificação precoce de cognições de risco, direcionando o tratamento para ações que levariam a prevenção da instalação do transtorno propriamente dito. Tendo em vista esses aspectos, e a escassez de estudos em bases de dados brasileiras, faz-se necessária a investigação a respeito da vulnerabilidade cognitiva nos transtornos de ansiedade generalizada.

Diante do exposto indagamos a respeito de qual seria a influência dos erros de interpretação de situações potencialmente ameaçadoras, presente na vulnerabilidade cognitiva, no desenvolvimento de transtornos de ansiedade generalizada. Logo, este estudo teve como objetivo investigar a ocorrência de um dos fatores de vulnerabilidade cognitiva presente nos sujeitos com transtornos de ansiedade generalizada, bem como discutir sobre o que é o transtorno de ansiedade generalizada e suas respectivas características. Discutir o conceito de vulnerabilidade cognitiva e os outros fatores de vulnerabilidade associados aos transtornos de ansiedade generalizada.

2 METODOLOGIA

O presente estudo se constitui como uma revisão narrativa, que buscou analisar as relações a partir de pesquisas realizadas em livros e artigos das seguintes bases de dados: Pubmed, Scielo, Pepsic, Periódicos Capes, Psycnet e Lilacs. Os descritores utilizados foram “Vulnerabilidade cognitiva” e “transtorno de ansiedade generalizada”, com filtro exato, e “ameaças” e “crenças”, utilizando o conector “and”. Restringindo a artigos publicados em inglês e português. A busca ocorreu entre o período de 03 de março de 2022 e 02 de abril de 2022.

Foram incluídos nesta revisão estudos científicos publicados de 2005 até a data de construção do artigo, nos quais os resumos estavam disponíveis nas bases de dados e que o acesso fosse possível. Pesquisas que tinham como temática a discussão a respeito das crenças relacionadas à percepção de ameaça nos transtornos de ansiedade generalizada, relacionando os sintomas ansiosos com essa

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

cognição. Os artigos que falavam nas crenças de ameaça nos transtornos de ansiedade de forma genérica foram aceitos em razão dos postulados de Beck e Clark (2012) que apontavam que a vulnerabilidade cognitiva no TAG era compatível com a vulnerabilidade cognitiva genérica dos transtornos ansiosos, assunto aqui já abordados.

Foram excluídos artigos que não abordavam a temática do estudo, e que não respondiam o problema de pesquisa. Artigos que tinham o foco em outros transtornos de ansiedade que não o TAG, que não abordavam ocorrência de crenças de percepção ameaça e sua influência nos aspectos do TAG ou nos transtornos ansiosos. Não foram traçados limites quanto aos países de origem dos estudos.

3 A NATUREZA DOS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE

Segundo Barlow e Durand (2015), a ansiedade pode ser sentida pelos seres humanos através de um conjunto de comportamentos, aqui inclui a preocupação e a inquietação, além de respostas fisiológicas advindas de impulsos cerebrais que aumentam o batimento cardíaco e elevam a tensão muscular.

Apesar de não se tratar de sensações prazerosas, dentro de um limiar ela é importante e pode trazer benefícios. Geralmente a ansiedade é evocada diante de situações julgadas importantes pelo indivíduo, e a impressão corrosiva de que algo pode dar errado pode auxiliar na melhora de desempenho, ou seja, de acordo com Barlow e Durand (2015), a performance social, física e intelectual do indivíduo pode ser melhorada e ampliada em razão da ansiedade.

Porém a ansiedade clínica é algo mais grave, não se refere a estar sujeito a simples preocupações do dia a dia, é uma condição que traz impactos sérios sobre a saúde e bem-estar do indivíduo. Uma pessoa que sofre de alguma síndrome ansiosa pode se deparar com a incapacidade de desempenhar de forma eficaz as atividades do seu trabalho, de manter uma vida social e relações estáveis. Podem ter extrema dificuldade de estar em multidões, estar em locais abertos ou fechados e participar de reuniões sociais. É comum problemas relacionados ao sono, bem como comportamentos evitativos diante de situações ansiogênicas, como: encontrar certas pessoas, estar em determinados locais, desempenhar alguma atividade como dirigir um carro, viajar de avião e entrar em elevadores. Algumas pessoas podem se tornar

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

socialmente reclusas, o que aumenta o risco de se tornarem clinicamente deprimidas. (LEAHY, 2011)

Uma das formas patológicas da ansiedade é o transtorno de ansiedade generalizada (TAG), um transtorno crônico que exibe um aspecto mais geral, onde há a existência de excessivas e persistentes preocupações a respeito de diversos aspectos da vida. O indivíduo apresenta sintomas físicos e dificuldade em controlar a preocupação; manifesta uma inquietação, fadiga, dificuldade em se concentrar, irritabilidade, tensão muscular, sensação de “branco” na mente, problemas com sono e sensação de nervos à flor da pele. Nos sintomas físicos podem ocorrer tremores, dores musculares, tensão muscular, sudorese, náuseas, diarreia e algumas condições associadas ao estresse causado pelo transtorno, como é o caso da síndrome do intestino irritável e cefaleia (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). De acordo com Dalgalarondo (2019) é um quadro marcado por sintomas ansiosos excessivos na maior parte dos dias e por diversos meses, onde o sujeito exibe uma angústia persistente e dificuldade para relaxar.

É característico do transtorno uma ansiedade e preocupação que exagere as probabilidades reais ou o impacto do evento que o indivíduo antecipa, eles pensam compulsivamente sobre os piores cenários de eventos futuros. Essa preocupação tem caráter improdutivo pois o sujeito se envolve nos ciclos de preocupação e não consegue decidir o que fazer diante de determinado problema. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; BARLOW; DURAND, 2015).

Geralmente tem início tardio, por volta dos trinta anos, quando comparada com outros transtornos ansiosos. Seu início raramente ocorre antes da adolescência, nessa fase a ansiedade e preocupação pode se manifestar como uma espécie de temperamento ansioso. Os adultos acometidos pelo transtorno costumam se preocupar com cenários da vida diária, como responsabilidade no trabalho, saúde, dinheiro, saúde dos seus membros familiares e a imaginação de cenários de desgraças com filhos ou com pessoas significativas. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014; BARLOW; DURAND, 2015)

Um aspecto ainda mais preocupante reside na prevalência, as patologias ansiosas representam o grupo de transtornos mentais com maior ocorrência no mundo, com prevalência na vida por volta de 17% a 30% (SOMERS et al., 2006; KESSLER et al., 2007 REMES et al., 2016 apud DALGALARRONDO, 2019). Baxter

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

et al. (2013) em uma revisão da literatura, utilizando-se estudos publicados entre os anos 1980 e 2009, com dados de 44 países, apontou estimativas de prevalência entre 0,9% e 28,3% na população mundial, em uma outra revisão sistemática, incluindo revisões sistemáticas publicadas entre 1987 e 2015, Remes et al. (2016), aponta um índice de prevalência de 3,8% a 25% da população mundial. Mangolin, Andrade e Wang (2019), em uma revisão de literatura trazem dados epidemiológicos dos transtornos ansiosos em regiões do Brasil, entre os anos de 2007 e 2019, o estudo indica um índice de prevalência de 19,9% em algumas regiões, principalmente no sudeste e sul. Enquanto o transtorno de ansiedade generalizada representa dentro de um ano, segundo o DSM-V, uma prevalência de 0,4 a 3,6% (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014). No estudo comparativo de Ruscio et. al. (2017) os resultados apontam para uma prevalência mundial de 3,7% ao longo da vida, de 1,8% em um intervalo de um ano. As estimativas tendem a variar entre os países, regiões de alta renda apresentam estimativas mais altas (5,0%), enquanto regiões de renda média apresentam prevalência de 2,8% e os países com baixa renda apresentam uma estimativa de 1,6%. No Brasil a prevalência é de 3,3% para um ano e 3,8% ao longo da vida.

Diante desses dados surge um questionamento a respeito de suas origens e causas. E a resposta é que a etiologia da síndrome ansiosa pode variar dentro da população geral, porém, com frequência há relatos da ocorrência de eventos estressores antecedentes, bem como uma propensão a alta ansiedade, nervosismo e a sentir-se preocupado. Na base do transtorno há características biológicas e psicológicas, dentre elas está a vulnerabilidade cognitiva, hipótese proposta, principalmente, pelos teóricos da terapia cognitiva, que determina que alguns esquemas resistentes envolvendo regras e suposições a respeito de perigo e a insuficiência pessoal podem também predispor o indivíduo a ansiedade. E esse conjunto de vulnerabilidades associadas aumentam ainda mais o risco para o início do transtorno, para uma sintomatologia mais grave ou estados emocionais comórbidos. (CLARK; BECK, 2012)

4 O MODELO COGNITIVO DA ANSIEDADE

Uma das premissas básicas da terapia cognitiva postula que a forma do indivíduo pensar afeta a forma com que ele se sente, porém, sujeitos com transtornos ansiosos muitas vezes tem dificuldade em reconhecer como seus pensamentos afetam seu humor, em razão da intensa e incontrolável excitação emocional que acomete sujeitos durante as crises agudas. Por essa razão eles supõem que são as situações e não a forma de percebê-las que são responsáveis pela ansiedade. (CLARK; BECK, 2012)

Diante disso, a perspectiva cognitiva da ansiedade concentra-se principalmente na noção de vulnerabilidade, a qual refere-se a um modo de perceber a si próprio como propenso a riscos internos e externos, os quais o indivíduo não tem controle ou se sente incapaz de se sentir seguro. Esse senso de vulnerabilidade é evidente em sujeitos com transtornos de ansiedade, pois fazem avaliações exageradas e tendenciosas a possíveis danos pessoais diante de estímulos neutros. Essa é uma avaliação primária da ameaça, em que há uma visão errônea e superestimada da probabilidade de que o dano ocorra e da gravidade percebida. (CLARK; BECK, 2012; BECK, EMERY E GREENBERG 1985 apud CLARK; BECK, 2012)

Após essa avaliação primária de ameaça ocorre a reavaliação elaborada secundária como resultado dessa primeira, em que o indivíduo não consegue perceber pontos de segurança em situações examinadas como ameaçadoras e tendem a subestimar sua capacidade em enfrentar o dano ou perigo antecipado. Logo, a intensidade de um estado de ansiedade depende da relação entre a avaliação inicial da ameaça e da avaliação secundária da capacidade do indivíduo de enfrentar e de se sentir seguro. (CLARK; BECK, 2012; BECK et al., 1985 apud CLARK; BECK, 2012)

A percepção de perigo evoca uma espécie de “sistema de alarme” em que são mobilizadas respostas comportamentais, fisiológicas e cognitivas primitivas que se desenvolveram para proteger a espécie humana de perigos. (BECK et al., 1985 apud CLARK; BECK, 2012)

Portanto, a ansiedade clínica, a partir da visão cognitiva, é produto do modo de processamento de informação que percebe uma situação como ameaçadora ao indivíduo. (CLARK; BECK, 2012)

O modelo para o transtorno de ansiedade generalizada é baseado nesse modelo genérico apresentado acima, com algumas especificidades. No TAG, o **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483**

modelo cognitivo propõe três fases: evocativa; de processamento automático e a de processamento elaborativo. Na fase evocativa, as metas e valores, preocupações pessoais, suas circunstâncias de vida exercem função importante como catalisador da preocupação em indivíduos com esquemas vulneráveis de baixa autoconfiança e ameaça, predispondo o sujeito ao transtorno de ansiedade generalizada, discutiremos a respeito mais adiante. Assim a interação desses fatores desencadeia pensamentos e/ou imagens intrusivas relevantes à ameaça. (CLARK; BECK, 2012)

No estágio de processamento automático os sujeitos com Transtorno de ansiedade generalizada apresentam uma atenção seletiva a aspectos ameaçadores e no estágio de codificação fazem uma leitura enviesada de ameaça quando algum dado ambíguo é notabilizado. Nessa fase três pontos são importantes de evidenciar, o primeiro é ativação de esquemas relevantes do transtorno, que ocorrem muito em função de pensamentos intrusivos de incerteza. São esquemas de ameaça geral, que abordam aspectos de probabilidade de ameaças físicas e psicológicas do indivíduo; esquemas de vulnerabilidade pessoal que apontam sobre crenças de potências e falta de recurso para lidar com situações ameaçadoras; esquemas de intolerância à incerteza, que apontam crenças sobre a frequência, as possíveis consequências de situações incertas. Além de apresentarem uma dificuldade de aceitar e de evitar os eventos negativos e ambíguos. O último esquema é o de metacognição da preocupação, que diz respeito sobre os efeitos positivos e negativos da preocupação e sobre a sua capacidade de controlar. Um segundo ponto importante do processamento automático é sobre o viés atencional de ameaça, sujeitos com Transtorno de ansiedade generalizada apontam uma tendência de codificação que leva a uma percepção dos estímulos como ameaçadores. E por último exibem um viés de interpretação da ameaça, que é seletivo, automático, rápido e involuntário, levando a uma interpretação da informação ambígua de modo ameaçador. (CLARK; BECK, 2012)

No estágio de processamento elaborativo está a base do fundamento cognitivo do transtorno em questão, é nesse nível que a terapia cognitiva intervém. Nesse ponto temos a dinâmica da preocupação, um processo cognitivo, elaborativo, onde o indivíduo tem consciência. É um processo onde o sujeito tenta reavaliar as probabilidades de ocorrência de situações negativas de uma maneira menos ameaçadora. A Preocupação funciona como uma resposta que busca suprimir ou

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

contestar a ativação das crenças de ameaça e a ansiedade desencadeada por tal, reavaliando a ameaça e a capacidade individual de lidar com aquela ameaça. Porém essa reavaliação está associada a uma cadeia de erros cognitivos que acarretam a uma análise metacognitiva errônea, pois as crenças ativadas no TAG fazem com que o sujeito veja esse processo como ineficaz, aflitivo, incontrolável e auto prejudiciais. Assim há um erro no alcance de uma sensação de segurança, que é feito através da preocupação. (CLARK; BECK, 2012)

A interação de todos esses processos cognitivos elencados acima aumenta o nervosismo e estado de aflição geral, que se realimentam no aparato cognitivo vulnerável que reativará novamente os esquemas do TAG, sendo um ciclo vicioso autopropagador. (CLARK; BECK, 2012)

5 OS FATORES DE VULNERABILIDADE IMPLICADOS NA ETIOLOGIA DOS TRANSTORNOS DE ANSIEDADE

Segundo Ingram e Price (2001) citado por Clark e Beck, (2012), a vulnerabilidade seria uma espécie de um aspecto endógeno, estável, que se mantém em latência até ser ativada por algum fator desencadeante. Essa ativação pode resultar no surgimento dos sintomas definidores do transtorno.

Os postulados da psicopatologia contemporânea trazem a concepção de que um conjunto interativo de vulnerabilidades, biológicas e psicológicas, são relevantes no desenvolvimento e na manutenção de transtornos de ansiedade. (BARLOW, 2002; MINEKA; ZINBARG, 2006 apud BENTLEY et al., 2013)

De acordo com Barlow (2002) citado por Clark e Beck (2012), os fatores da genética do indivíduo, a sua neurobiologia e fatores temperamentais interagirão com uma vulnerabilidade cognitiva suscetível e intensificará a ansiedade do sujeito mediante as adversidades e a ameaças presentes no dia a dia.

5.1 VULNERABILIDADE BIOLÓGICA

Vulnerabilidade biológica é expressa através de traços de personalidade e/ou em aspectos temperamentais, de acordo com Barlow e Durand (2015), o ser humano herda uma propensão a ser tenso, irritado e ansioso. Bem como pode ser expressa

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

através de uma excitação crônica em estruturas neuroanatômicas essenciais como amígdala, locus ceruleus, córtex pré-frontal direito; e/ou um desequilíbrio nos neurotransmissores serotonina, GABA e HLC. O DSM-V destaca que os fatores genéticos representam um terço do risco para desenvolver o TAG, sobrepondo inclusive aspectos da personalidade como o neuroticismo. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

5.2 A VULNERABILIDADE DA PERSONALIDADE

A vulnerabilidade da personalidade nos transtornos ansiosos é expressa por meio de algumas especificidades da personalidade do sujeito. A primeira elencada aqui se refere ao neuroticismo e a afetividade negativa. O neuroticismo é um traço de personalidade em que o sujeito carrega uma forte tendência a emocionalidade alta, ansiedade, preocupação, a um mau humor e uma predisposição a responder excessivamente a uma variedade de estímulos. Enquanto a afetividade negativa se refere a uma emocionalidade difusa com autoconceitos negativos, predispondo a uma elevada probabilidade em experienciar níveis altos de emoções negativas, aqui inclui-se a tensão, o nervosismo, preocupação, apreensão ansiosa, tendência a autoestima baixa, ruminação de erros, frustrações, ameaças passadas e atenção reduzida. (CHOPITA; BARLOW, 1998; CLARK; BECK, 2012)

Ainda dentro do constructo da influência da personalidade temos constructo de traços de ansiedade, em que o indivíduo, por um traço em sua personalidade, fica relativamente propenso a sentir ansiedades, tal característica aumenta a possibilidade de resposta diante de situações percebidas como ameaçadoras; com alterações nos níveis de ansiedade estado e uma tendência em avaliar uma gama maior de estímulos como ameaçadores, além de terem um limiar baixo para ativação de ansiedade e a experimentação desses estados com mais intensidade. (CLARK; BECK, 2012)

Um outro fator predisponente é a ideia de baixo controle pessoal, em que o sujeito carrega crenças, ou uma diminuição da percepção de controle, ou seja, o indivíduo carrega a ideia de que não se tem o controle sobre os aspectos da vida, logo diante de situações ameaçadoras a percepção é de que ele está vulnerável e em possível perigo. Tal crença afeta a compreensão que o sujeito tem sobre si e sobre sua própria capacidade de lidar com episódios futuros. Experiências iniciais com

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

eventos incontroláveis podem ser pensados como um caminho facilitador para o desenrolar de uma ansiedade, uma vez que leva o sujeito a processar os eventos como fora do seu controle. (CHOPITA; BARLOW, 1998; CLARK; BECK, 2012; BARLOW; DURAND, 2015)

Beck e Clark (2012) destacam que a afetividade negativa é um constructo importante no que tange a vulnerabilidade da personalidade em indivíduos com TAG, bem como o neuroticismo e a emocionalidade negativa alta. Enquanto a alta ansiedade de traço chega a ser considerada como sinônimo do TAG, o DSM-V aponta também a inibição comportamental e a evitação de danos como outros fatores de risco para o desenvolvimento do transtorno. (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2014)

5.3 EVENTOS ESTRESSORES

No TAG, os eventos estressores estão associados ao início da patologia. O DSM-V aponta que adversidades nos anos iniciais de vida, bem como a superproteção parental estão associados. Beck e Clark (2012) apontam também que eventos estressores que sinalizem uma ameaça à sobrevivência física e psicológica do sujeito podem ser um fator influente no desenvolvimento do transtorno.

Os episódios de vida estressantes suscitam vulnerabilidades psicológicas e biológicas para ansiedade. Esses estressores incluem situações ou circunstâncias e eventos de vida que são avaliadas como ameaça potencial à sobrevivência. Ou fatos sociais marcantes como casamentos, divórcios, dificuldade no trabalho, escola, pressões para se destacar, morte de ente querido entre outros. (CLARK; BECK, 2012; BARLOW; DURAND, 2015)

5.4 A VULNERABILIDADE COGNITIVA

Diante dos outros fatores expostos, o último fator apresentado, que será tema central da discussão deste estudo, é a vulnerabilidade cognitiva, que aqui já foi parcialmente abordada, e concerne na predisposição que um indivíduo tem a interpretar de forma incorreta as situações com potencial ameaçador, ou a novas

situações como perigosas ou sem segurança, colocando o sujeito em uma posição de impotência. (CLARK; BECK, 2012)

Beck e Clark (2012) apontam dois principais aspectos cognitivos que deixam o sujeito vulnerável ao TAG, a primeira refere-se ao senso de vulnerabilidade pessoal aumentada, nesse ponto os sujeitos avaliam suas capacidades e habilidade como insuficientes ou desajustadas para enfrentar as situações julgadas ameaçadoras, o que os deixam hesitante, fazendo com que se afaste de uma situação numa tentativa de se proteger. Esse modo de percepção pode aumentar a probabilidade de fracasso e reforçando a crença de impotência do indivíduo, pois esses mecanismos levam a um autoquestionamento, a sensação de incerteza e a um retorno hesitante e fraco diante de acontecimentos desafiadores.

O outro aspecto apontado por Beck e Clark (2012), e tema da presente pesquisa, são as crenças duradouras relacionadas à de ameaça. Segundo o modelo cognitivo esse é o aspecto principal da vulnerabilidade cognitiva para ansiedade, incluindo o transtorno de ansiedade generalizada. Tais esquemas ou crenças são representações duradouras de ameaças que se manifestam de forma excessiva, com perspectivas preconcebidas e mal adaptativas. Esses esquemas vão se constituindo por meio de uma série de experiências positivas e negativas de ameaça e perigo que aconteceram ao indivíduo ou a pessoas significativas. Tais crenças disfuncionais acarretarão avaliações demasiadas da gravidade e da possibilidade de ocorrência de uma situação julgada ameaçadora, além do julgamento errôneo das capacidades de enfrentamento bem como dos pontos de segurança. Os esquemas de ameaça além de conterem vieses desacertados e informações errôneas, apresentam um limiar mais amplo de estímulos que poderão ativá-los. Sendo assim as crenças de ameaça em sujeitos vulneráveis cognitivamente são preponderantes e hipervigilantes acarretando ativações mais constantes e intensas. Esses dois aspectos cognitivos associados permanecem inativos, até que sejam ativados por estressores relevantes ao indivíduo. (CLARK; BECK, 2012)

6 RESULTADOS

Com as buscas obteve-se um total de 180 resultados potencialmente relevantes, sendo 3 no PubMed e 177 no Periódicos CAPES e 0 nas seguintes bases **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483**

de dados: Scielo, Pepsic, PsycNet e Lilacs. Após a leitura dos resumos do material encontrado descartou-se 154 artigos, dos quais não eram compatíveis com tema de pesquisa escolhido ou não se conseguiu acesso. Era necessário abordar temas que relacionassem crenças e percepções de ameaça em indivíduos com TAG e ou em transtorno de ansiedade no geral.

Após a leitura dos resumos, 26 artigos foram lidos em sua integralidade, dos quais 7 foram selecionados para etapa final de construção do presente artigo. Os 19 artigos excluídos, após a leitura integral, foram em razão de duas constantes: não manter o foco do estudo nas crenças relacionadas à ameaça ou enfatizar a abordagem de algum transtorno específico de ansiedade que não o TAG. Os resultados selecionados serão desenvolvidos e explanados a seguir.

Em um dos estudos observados, Riskind, Rector e Cassin (2011) buscou ampliar através de uma pesquisa empírica a especificidade cognitiva da vulnerabilidade iminente em sujeitos com algum transtorno de ansiedade diagnosticados pelo DSM-IV-TR, o vigente na época do estudo, entre eles o transtorno de ansiedade generalizada. Em suas hipóteses os diferentes transtornos apresentariam disparidades nos conteúdos cognitivos percebidos como ameaçadores. O estudo contou com a participação de 172 participantes diagnosticados com algum transtorno de ansiedade (transtorno do pânico= 38; Fobia social=59; Ansiedade Generalizada=25; e transtorno obsessivo-compulsivo= 50). A idade média da amostra era de 37, 56 anos, composta por 81 homens e 91 mulheres. Os resultados apontam que as diferenças entre os grupos não são muito significativas, porém indivíduos com Transtorno do pânico apresenta escores um pouco mais altos no fator Pânico do questionário, enquanto a Ansiedade Social exibe escores mais altos no fator de vulnerabilidade iminente social, enquanto o transtorno obsessivo compulsivo se destaca por uma pontuação mais alta no quesito contaminação. Enquanto indivíduos com TAG apresentam escores altos nos conteúdos de ameaça social e física.

Em outro estudo Williams e colaboradores (2005) traz importantes considerações a respeito da diferenciação de transtornos de ansiedade e depressão, uma vez que os transtornos ansiosos e de humor costumam ser comorbidades frequentes e muitas vezes compartilham alguns conteúdos cognitivos semelhantes. Os autores propõem também que o estilo desadaptativo iminente seria considerado

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

um uma vulnerabilidade cognitiva para ansiedade, mas não para depressão, colocando essa variável cognitiva como específica para os transtornos de ansiedade. Diante disso, o objetivo principal da pesquisa em questão é examinar o estilo desadaptativo iminente enquanto uma vulnerabilidade cognitiva para ansiedade. A pesquisa contou com a participação de 123 estudantes, sendo 92 mulheres e 31 homens. Os participantes selecionados não apresentavam diagnóstico fechado de algum transtorno de ansiedade, mas apresentavam níveis altos de risco psicológico para desenvolverem algum transtorno de ansiedade. Com relação a hipótese de que o Estilo Cognitivo iminente seria uma vulnerabilidade cognitiva para ansiedade, notou-se que os sujeitos que apresentavam escores altos para algum transtorno de ansiedade também apresentaram pontuação alta nas medidas que avaliavam o estilo desadaptativo iminente, ou seja, sujeitos com sintomas ansiosos apresentavam resultados positivos para cognições e vieses relacionados a ameaça iminentes.

Ainda abordando os conceitos do estilo cognitivo iminente, Riskind et al (2017) em seu trabalho abordou um ponto interessante para análise da etiologia da ansiedade: a relação entre o estilo cognitivo iminente dos pais e a ansiedade nos filhos. O objetivo do estudo foi explorar a hipótese de que a tendência dos pais em ver situações como ameaçadoras em que esse perigo se intensifica e aproxima do sujeito, tende a aumentar a ansiedade na sua prole. Outro objetivo foi avaliar a diferença de influências entre pais e mães. Participaram da pesquisa 379 filhos, 317 mãe e 286 pais, os quais não tinham diagnóstico de nenhum transtorno de ansiedade. Os resultados encontrados apontam que o estilo cognitivo iminente das figuras paternas foi correlacionado com a ansiedade dos filhos, porém o estilo da mãe não apresenta tanto impacto na ansiedade dos filhos como a influência do estilo do pai.

Berenbaum, Thompson e Bredemeier (2007) realizaram dois estudos a fim de examinar a hipóteses de que as percepções de ameaça fariam com que o sujeito se preocupasse excessivamente, preocupação essa que é característica central do transtorno de ansiedade generalizada. Outra hipótese trazida pelo estudo é a de que a preocupação estaria associada a três variáveis: a percepção de si mesmo como incapacitado para lidar com as ameaças, a percepção dos outros como maldosos, e a presença de um padrão alto de expectativa em relação a si mesmo. Participaram do estudo 262 estudantes universitários, com idade entre 18 e 22 anos. O estudo apontou que tanto a ameaça percebida quanto o custo foram associados a preocupação, outro

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

ponto avaliado foi a associação das crenças relacionadas a ameaça com a percepção de si como incapaz e a dos outros como maliciosos, aqui encontrou uma ligação que foi parcialmente mediada pela ameaça percebida, bem como relacionou-se também com os altos padrões individuais.

Um segundo estudo foi realizado a fim de replicar os resultados dessa primeira pesquisa, e acrescentar uma variável para teste: avaliar se a ameaça percebida continuaria vinculada a preocupação adicionando outros dois fatores que são atrelados a preocupação-crenças de preocupação mal adaptativas e o desejo de previsibilidade, além de testar se a ameaça percebida mediará as ligações entre essas variáveis citadas acima. Para o segundo estudo foram selecionados 239 participantes com idades entre 18 e 23 anos. Os resultados apontam uma replicação dos resultados do estudo 1, mesmo com as variáveis adicionais, que foram também associadas à preocupação. Observou-se que o desejo de previsibilidade foi mais forte quando os sujeitos apresentaram níveis altos de vieses de percepção de ameaça. E a outra variável constatou que indivíduos que apresentam crenças mal adaptativas relacionadas à preocupação foram mais presentes em sujeitos com níveis mais baixos de ameaça percebida.

Bredermeier e Berenbaum (2008) realizaram uma pesquisa a fim de investigar variáveis semelhantes à do estudo anterior, o objetivo foi examinar as relações entre a intolerância à incerteza e a ameaça percebida. A hipótese dos autores é de que a percepção de ameaça mediou a ligação entre a intolerância à incerteza e a preocupação. Buscou testar se o desejo de previsibilidade e a paralisia da incerteza estava associado a um aumento no custo de um resultado negativo, e se a paralisia diante da incerteza seria em razão do aumento da probabilidade de resultados negativos, ou da percepção de coisas negativas possam ocorrer. Participaram deste estudo 239 pessoas com idades entre 18 e 23 anos. Os resultados indicam que as hipóteses trazidas pelos autores foram confirmadas, o desejo de previsibilidade estava associado à avaliação de custo, e que a paralisia diante da incerteza estava associada às estimativas de probabilidade e custo, ou seja, a ameaça percebida. Os resultados do estudo demonstram que os aspectos da intolerância à incerteza estão associados à ameaça percebida, logo, a ameaça percebida é um fator que medeia parcialmente a relação entre a intolerância à incerteza e a preocupação.

Anderson et al. (2012) também aborda a respeito da intolerância à incerteza e sua relação percepções de ameaça. O autor traz uma pesquisa abordando os aspectos do estilo interpretativo e a intolerância à incerteza associada ao transtorno de ansiedade generalizada. Esse estudo teve como objetivo comparar a interpretação de indivíduos com um transtorno de ansiedade com aqueles sem alguma condição psiquiátrica pré-existente. Um segundo objetivo foi comparar as interpretações de situações positivas, negativas e ambíguas de grupos com TAG com os grupos com algum outro transtorno de ansiedade diagnosticável. E por último investigar os dois tipos de crenças sobre a incerteza e sua relação com a interpretação de situações positivas, negativas e ambíguas. Participaram do estudo 108 adultos, sendo 39 indivíduos com diagnóstico de transtorno de ansiedade generalizada, 32 indivíduos com diagnósticos de outros transtornos de ansiedade e 37 indivíduos sem qualquer diagnóstico psiquiátrico. Os resultados apontam que a primeira hipótese foi confirmada, os grupos com uma condição clínica de ansiedade apresentam maiores escores de preocupação para cada tipo de situação (positiva negativa e ambígua) do que o grupo sem condições psiquiátricas pré-existentes. Já a segunda hipótese não apresenta muita diferença nas comparações dos escores, o grupo com transtorno de ansiedade generalizada em comparação com outros grupos com alguma outra condição ansiosa clínica apresenta níveis semelhantes de preocupação. E para o terceiro objetivo os resultados apontam que dois tipos de crença relacionados à incerteza é de que ela é injusta ou que é um aspecto negativo. Embora as crenças relacionadas à incerteza não estavam relacionadas a interpretação de situações positivas, a crença de que a incerteza é injusta foi intrinsecamente relacionada a interpretações de situações negativas e ambíguas. Já a crença de que a incerteza tem consequências negativas não foi associada.

Chen e Lovibond (2020) também se debruçaram sobre o tema, em seu estudo os autores buscaram em uma população com transtorno de ansiedade generalizada examinar a avaliação da ameaça e a afetividade negativa sob incerteza e a ambiguidade. A hipótese era de que sujeitos com TAG demonstrariam um processamento cognitivo direcionado à ameaça, aumentando assim as respostas afetivas diante das situações potencialmente ameaçadoras. E para mais, a situações de ambiguidade, ou seja, aquelas incertas, seriam como estímulo desencadeante para um processamento tendencioso a ameaça. Participaram do estudo indivíduos com

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

ansiedade clinicamente significativa, sendo a amostra final composta por de 34 participantes diagnosticados com transtorno de ansiedade generalizada e 34 participantes sem diagnóstico clínico de ansiedade para o grupo controle. Os resultados apontam que, como esperado, indivíduos com TAG apresentam escores mais elevados do que o grupo controle. O viés interpretativo direcionado para uma superestimação de ameaças após a apresentação de uma situação ambígua pode ter sido influenciado por um processo de avaliação distorcida da ameaça e um aumento da afetividade negativa. Os resultados indicam que diante de situações incertas e ambíguas os indivíduos com TAG apresentam uma motivação para se proteger de mais alguma mudança inesperada, aumentando a expectativa de ameaça aumentando os níveis de ansiedade. É consistente a hipótese de que o viés de processamento cognitivo de indivíduos com ansiedade apresenta uma noção mais negativa sobre o futuro.

7 DISCUSSÃO

As discussões sobre a etiologia do transtorno de ansiedade generalizada é algo amplo e complexo, são muitas variáveis que envolvem o processo de adoecer. Clark e Beck (2012) em seu livro dedicado aos transtornos de ansiedade apresenta um capítulo voltado para o transtorno de ansiedade generalizada e suas especificidades, os autores trazem uma vasta discussão a respeito do modelo cognitivo do TAG que se mostra consistente com muitos dos resultados da presente pesquisa. Com base nos pressupostos apresentados pelos autores, a pesquisa em questão concentrou-se em aprofundar em umas das hipóteses postuladas, a de que as crenças relacionadas à ameaça seriam um fator de suscetibilidade ao desenvolvimento de transtornos de ansiedade.

Uma das limitações apontadas por Beck e Clark (2012) na pesquisa a respeito das crenças relacionadas a ameaça nos transtornos de ansiedade, incluído o TAG, é a escassez de escalas específicas que avaliem esse domínio, esse entrave pode justificar os poucos resultados que se encaixam nos pré-requisitos traçados para esse artigo. Embora exista esse entrave, com os resultados descritos acima, foi possível compreender a respeito desse aspecto cognitivo central do transtorno de ansiedade generalizada, que discutiremos a seguir.

Foi observado uma variância entre os aspectos de vulnerabilidade da patologia em estudo, além das crenças relacionadas a ameaça, aspecto base do transtorno, é possível também observar outros pontos que aparecem com frequência quando associados a palavra vulnerabilidade e ansiedade, são: a intolerância à incerteza, e a noção da ameaça enquanto algo dinâmico que se intensifica com o passar do tempo.

Nos estudos de Riskind, Rector e Cassin (2011), Williams et al. (2005) e Riskind et al (2017) os autores pesquisam sobre o estilo cognitivo iminente enquanto uma vulnerabilidade ao transtorno. Tais resultados são compatíveis com outros estudos (ver RISKIND; WILLIAMS, 2005; RISKIND; WILLIAMS; JOINER JUNIOR, 2006) o estilo cognitivo iminente leva o sujeito a gerar fluxos contínuos de cenários tidos como ameaçadores ao indivíduo, geralmente em uma magnitude catastrófica, ele se envolve em simulações mentais negativas de eventos tidos como importantes para ele que desencadeiam sentimentos de ansiedade, e em uma tentativa de evitar esses acontecimentos o sujeito entra no processo de preocupação, criando um meio para lidar ou evitar as situações ansiogênicas, esse processo atenua esses pensamentos perturbadores diminuindo temporariamente a ansiedade. Os indivíduos vulneráveis cognitivamente acabam tendo um viés de percepção do mundo como um lugar imprevisível e com perigos que intensificam e aumentam com o passar do tempo, e se sentem impotentes no manejo da ameaça, se tornando assim sujeitos vulneráveis ao transtorno de ansiedade generalizada. Beck e Clark (2012) assinalam que a preocupação patológica é de difícil controle, persistente e focada nas ameaças mais imediatas, fator esse que discutiremos a seguir.

No trabalho de Riskind, Rector e Cassin (2011), que buscou diferenciar os conteúdos cognitivos relacionados a ameaças iminentes dos transtornos de ansiedade, observou-se um pequena diferença nos escores dos conteúdos ameaçadores, uma possível hipótese que justifique o fato é a de que os transtornos de ansiedade possuem uma base cognitiva genérica semelhante, são indivíduos com uma visão de mundo atravessada pela noção de ameaça, onde uma série de situações podem significar perigo, e uma visão de si como incapazes de lidar com as ameaças que surgem. Outro ponto que chama atenção são que os resultados obtidos na pesquisa sinalizam uma característica intrínseca do transtorno de ansiedade generalizada que é a preocupação diante de mais de uma atividade ou eventos da vida. Ou seja, o sujeito encara uma ampla gama de situações como ameaçadoras, **CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483**

essa percepção desencadeia um processo de se preocupar, e essa preocupação, segundo o modelo cognitivo do transtorno, não ocorre em um vazio, esse processo de enfrentamento utilizado reflete circunstâncias de vida, metas e preocupações pessoais, com as quais o indivíduo se importa e se empenha em realizar. (BECK; CLARK, 2012).

Os achados de Williams e colaboradores (2005) que buscou pesquisar o estilo cognitivo iminente como um fator de Vulnerabilidade para ansiedade Generalizada colocando esse aspecto com um fator diferencial da depressão, se mostra muito pertinente ao passo que avança na construção da base cognitiva específica dos transtornos de ansiedade generalizada, uma vez que tal patologia gera bastante debate no meio acadêmico a respeito de seu enquadramento enquanto um transtorno de ansiedade ou de humor. Porém embora compartilhe sintomas e alguns conteúdos cognitivos, o TAG apresenta uma característica que é trazida pelo estudo acima e discutida no presente artigo que é a estreita relação das crenças e do viés direcionado à ameaça. Que embora os sujeitos depressivos apresentem uma visão negativa de futuro como na ansiedade generalizada há uma pequena diferença: os sujeitos com depressão apresentam uma característica de desesperança muito forte, não acreditando que coisas positivas possam ocorrer em seu futuro. Enquanto o sujeito com transtorno de ansiedade generalizada, embora enxergue o futuro de forma negativa e com possibilidade de ocorrência de situações ameaçadoras, ele ainda acredita que coisas positivas possam ocorrer (BECK; CLARK, 2012; MENNIN; MIRANDA, 2007).

O estudo de Riskind et al (2017) traz importantes reflexões acerca dos fatores que geram influência na etiologia dos transtornos ansiosos. Embora abordando um fator de vulnerabilidade já bem delimitado, que é as crenças relacionadas à ameaça, ele aprofunda em uma hipótese de desenvolvimento desse padrão cognitivo.

A Transmissão intergeracional é um fator relevante de pesquisa dentro da etiologia dos transtornos mentais, muito se sabe a respeito da influência genética de muitos quadros psiquiátricos, porém a repetição de padrão comportamental dos cuidadores é algo que exerce efeito na forma de se comportar e ver o mundo dos indivíduos, se esses pais apresentam uma visão de mundo enviesada para ameaças a criança denota uma tendência a também ter um viés direcionado a ameaça e enxergar o mundo como perigoso, sendo mais uma causa contribuinte para

CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 4, n. 7, p. 163-3, jan./jun. 2022 – ISSN 2674-9483

desenvolvimento do padrão patológico de transtornos de ansiedade. (BARLOW; DURAND, 2015) Ao passo que essa interface geracional pode exercer uma influência na construção de outros fatores de vulnerabilidade como é o caso dos aspectos predisponentes da personalidade.

Retomando a discussão a respeito da preocupação, os resultados apontados por Berenbaum, Thompson e Bredemeier (2007) e Bredermeier e Berenbaum (2008) fazem uma relação relevante para a compreensão do processo de preocupação. Sujeitos com padrão ansiogênico apresentam crenças e vieses de ameaças, os quais ao se ativarem desencadeiam o processo de preocupação. Os resultados dos estudos apontam que a ameaça percebida é um fator que medeia parcialmente as ligações entre a intolerância à incerteza e a preocupação. Ou seja, a medida de enfrentamento usada pelos sujeitos com TAG é desencadeada pelas crenças relacionadas à ameaça, que buscam por previsibilidade numa tentativa de diminuir a incerteza. Situações tidas como imprevisíveis podem desencadear uma sensação de falta de controle, que conseqüentemente aumenta a ansiedade percebida, uma vez que o controle pessoal mais baixo aumenta a ideia de que algo pode significar perigo ou ameaçador. (BECK; CLARK, 2012; BARLOW; DURAND, 2015). Se perceber como sem controle das situações faz relação com a segunda hipótese de vulnerabilidade trazida pelo modelo cognitivo que aborda sobre o senso de vulnerabilidade pessoal aumentado, o sujeito vê suas competências como ineficazes para lidar com uma ameaça possível. Esse foi um fator observado no estudo de Berenbaum, Thompson e Bredemeier (2007), de acordo com os achados os indivíduos que se percebiam menos eficientes tendiam a ter níveis mais altos de percepção de ameaças e conseqüentemente de ansiedade.

O trabalho de Anderson et al. (2012) e Chen e Lovibond (2020) abordam a respeito das percepções de situações negativas/ameaçadoras e sua relação com outros aspectos tidos como vulnerabilidades no transtorno de ansiedade. Os autores abordam sobre a afetividade negativa e a intolerância à incerteza. No estudo de Chen e Lovibond (2020) os resultados apontam que diante de uma situação ambígua, indivíduos com TAG apresentam uma tendência a interpretá-la como algo ameaçador. No estudo de Anderson et al. (2012), os autores encontraram as mesmas evidências e apontam que indivíduos com TAG relatam mais preocupações diante de situações ambíguas e de situações positivas e negativas.

As situações ambíguas são para os pacientes indutoras de incerteza e tidas como ameaçadoras a seus objetivos e metas consideradas importantes. Ao se depararem com uma situação incerta em que eles não dispunham de muitas informações eles tendiam a superestimar de forma negativa um possível acontecimento. Essa superestimação da ameaça no indivíduo ansioso provoca uma reação desproporcional, como aumento da tensão, nervosismo e preocupação. Essa é uma reação comum em sujeitos com transtornos de ansiedade, uma vez que são propensos a apresentarem traços de personalidade com essa disposição de humor que é chamada de afetividade negativa. (BECK; CLARK, 2012).

Com os resultados discutidos acima é possível observar que não há um único fator individual que por si só desencadeia um transtorno de ansiedade generalizada, as pesquisas apontam diversas interações com outros fatores aqui já apresentados. A vulnerabilidade cognitiva está intrinsecamente relacionada com outros fatores de vulnerabilidade que se interligam e exercem influência mutuamente. Embora diversos agentes sejam considerados vulnerabilidades, as crenças relacionadas à ameaça são tidas como aspecto cognitivo central dos transtornos ansiosos, que é extensivo ao TAG. Com os resultados podemos observar que os indivíduos com transtorno de ansiedade generalizada apresentam fortes tendências a interpretar de forma ameaçadoras um gama de situações, bem como sustentam crenças de ameaças, sendo esses fatores que influenciam no desenvolvimento e manutenção do transtorno.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa revisão foi um recorte sobre a relação das crenças relacionadas à percepção de ameaça como um fator de vulnerabilidade cognitiva no desenvolvimento do TAG. E a partir dos resultados obtidos verificou-se que as crenças relacionadas à ameaça exercem um papel central no aspecto cognitivo do transtorno, sendo elas mediadoras de sintomas e outros aspectos de vulnerabilidade. Sendo assim, os resultados dão margem às hipóteses de que as crenças relacionadas à ameaça são fatores de vulnerabilidade que em interação com outros fatores elencados acima são causas contribuintes para a instalação de um transtorno de ansiedade generalizada. Ou seja, tais vulnerabilidades compostas podem estar relacionadas ao risco mais elevado para início do transtorno.

Esses resultados são muito pertinentes para a compreensão da etiologia e consequentemente para um direcionamento mais eficiente do tratamento do TAG, no que tange a terapia cognitiva para o transtorno de ansiedade generalizada, os terapeutas devem visar as crenças de ameaça bem como as crenças de baixa competência pessoal, trabalhar a ideia de consequências negativas de resultados negativos futuros, e as crenças sobre preocupação.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Kristin G. et al. Estilo interpretativo e intolerância à incerteza em indivíduos com transtorno de ansiedade: um foco no transtorno de ansiedade generalizada. **Journal of Anxiety Disorders**, [s.l.], vol. 26, no. 8, p. 823-832, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2012.08.003>. Acesso em 20 mai. 2022.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual Diagnóstico de Transtornos Mentais: DSM-5**. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BARLOW, David H., DURAND, Mark V. **Psicopatologia: uma Abordagem Integrada**. 2 ed. São Paulo: Cengage Learning. 2015.

BARLOW, David H., CHORPITA, Bruce F. O desenvolvimento da ansiedade: o papel do controle no ambiente inicial. **Psychological Bulletin**, Washington, vol. 124, no. 1, p. 3-21, jul. 1998. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0033-2909.124.1.3>. Acesso em 31 out. 2021.

BAXTER, A. J.; SCOTT, K. M.; VOS, T.; WHITEFORD, H. A. Prevalência global de transtornos de ansiedade: uma revisão sistemática e meta-regressão. **Psychological Medicine**, Cambridge, vol. 43, no. 5, p. 897-910, jul. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S003329171200147X>. Acesso em 31 out. 2021.

BECK, Aaron T., CLARK, David A. **Terapia Cognitiva para os transtornos de Ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

BECK, Judith S. **Terapia Cognitivo-Comportamental: Teoria e Prática**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BENTLEY, Kate H. et al. As contribuições interativas do controle percebido e da sensibilidade à ansiedade no transtorno de pânico: uma perspectiva de tripla vulnerabilidade. **Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment**, Nova York vol. 35, p. 57-64, mar 2013. disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10862-012-9311-8>. Acesso em 17 out. de 2021.

BERENBAUM, Howard; THOMPSON Renée J.; BREDEMEIER, Keith. **Behaviour Research and Therapy**, [s.l.], vol. 45, no. 10, p. 2473-2482, out 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.brat.2007.03.015>. Acesso em 20 mai. 2022.

BREDEMEIER, keith; BERENBAUM, Howard. Intolerância à incerteza e à ameaça percebida. **Behaviour Research and Therapy**, [s.l.], vol. 46, no. 1, p. 28-38, jan 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.brat.2007.09.006>. Acesso em 20 mai. 2022.

CHEN, Jessamine T.H.; LOVIBOND, Peter F. Avaliação de ameaças e afeto negativo sob ambiguidade no transtorno de ansiedade generalizada. **Journal of Anxiety Disorders**, [s.l.], vol. 76, p. 102299, dez 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102299>. Acesso em 20 mai. 2022.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

LEAHY, Robert L. **Livre de Ansiedade**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MANGOLINI, Vitor. I.; ANDRADE, Laura. H.; WANG, Yuan. P. Epidemiologia dos transtornos de ansiedade em regiões do Brasil: uma revisão de literatura. **Revista de Medicina**, v. 98, n. 6, p. 415-422, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/144226>. Acesso em: 31 out. 2021.

MENNIN, Douglas S.; MIRANDA, Regina. Depressão, Transtorno de Ansiedade Generalizada e Certeza em Previsões Pessimistas sobre o Futuro. **Cognitive Therapy and Research**. [s.l.], vol. 31, no. 1, p. 71-82, fev 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10608-006-9063-4>. Acesso em 20 mai. 2022.

REMES, Olivia et al. Uma revisão sistemática de revisões sobre a prevalência de transtornos de ansiedade em populações adultas. **Brain and Behavior**. Boston. vol. 6 no. 7, p. 3-33, jul. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/brb3.497>. Acesso em 31 out. 2021.

RUSCIO et. al. Comparação transversal da epidemiologia do transtorno de ansiedade generalizada do DSM-5 em todo o mundo. **JAMA Psychiatry**, Chicago, vol. 74. no. 5. p. 465-475, mai. 2017. Disponível em: [10.1001/jamapsychiatry.2017.0056](https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2017.0056). Acesso em 18 mai. 2022.

RISKIND, John H.; RECTOR, Neil A.; CASSIN, Stephanie E. Exame da validade convergente da vulnerabilidade iminente nos transtornos de ansiedade. **Journal of Anxiety Disorders**, [s.l.], vol. 25. no. 8. p 989-993, dez. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2011.06.004>. Acesso em 18 mai. 2022

RISKIND, John H; WILLIAMS, Nathan L.; JOINER JR, Thomas E. O estilo cognitivo iminente: uma vulnerabilidade cognitiva para transtornos de ansiedade. **Journal of social and Clinical Psychology**, [Nova York], vol. 25, no. 7, p. 779-801, out 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1521/jscp.2006.25.7.779>. Acesso em 20 mai. 2022.

RISKIND, John H; WILLIAMS, Nathan L. O Estilo Cognitivo Iminente e o Transtorno de Ansiedade Generalizada: Esquemas Distintivos de Perigo e Fenomenologia Cognitiva. **Cognitive Therapy and Research**, [s.l.], vol. 29, no. 1, p. 7-27, fev 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10608-005-1645-z>. Acesso em 20 mai. 2022.

RISKIND, John H. et al. Vulnerabilidades cognitivas em pais como um potencial fator de risco para sintomas de ansiedade em filhos adultos jovens: uma exploração do estilo cognitivo iminente. **Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry**, [s.l.] vol. 54. p. 220-238. mar 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jbtep.2016.08.010>. Acesso em 20 mai. 2022.

WILLIAMS, Nathan L. et al. O estilo desadaptativo iminente prevê variação compartilhada nos sintomas do transtorno de ansiedade: suporte adicional para um modelo cognitivo de vulnerabilidade à ansiedade. **Journal of Anxiety Disorders**, [s.l.], vol. 25, no. 2, p.157–175, c2005. Disponível em: [10.1016/j.janxdis.2004.01.003](https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2004.01.003). Acesso em 20 mai. 2022.